

A (in)visibilidade do sofrimento dos trabalhadores dos serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes na pandemia do COVID-19

Thais Cristina de Lima

“O medo atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre. (...) Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo.”

VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 178-179

A ruptura no tempo

“Thaís, você acha que devo usar luva no ônibus para não me contaminar?” Foi com essa fala, feita por uma educadora, que iniciamos um encontro online de supervisão num serviço de acolhimento para crianças e adolescentes na cidade de São Paulo. A frase poderia ser apenas mais uma que se é dita antes de uma reunião começar, como se fosse uma dessas conversas banais que falamos para esperar o tempo de algo iniciar. Mas, não foi desse jeito que ela foi escutada.

Quando a pandemia foi decretada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, estávamos ainda iniciando um ano cheio de promessas, de desejos e de expectativas, como todo início de ano carregado de esperanças. Também era dessa posição que iniciávamos mais um ano de supervisão nos serviços de acolhimento. Já havíamos traçado os temas e discussões para o primeiro semestre, os pontos importantes a serem trabalhados com a equipe, os caminhos a percorrer. Com o anúncio da pandemia e o decreto de quarentena, vimos o mundo parar. Era um novo tempo que se instaurava na vida de todos. Nas mídias sociais, jornais, televisão, anunciava-se que seria o momento de aproveitar esse tempo para ler livros guardados há anos, curtir a casa e os filhos, aprender algum idioma novo, ver os filmes que não foram vistos, cuidar das plantas, fazer pão caseiro, praticar yoga, meditar. Não faltaram imperativos do que podíamos fazer neste tempo de espera. O capitalismo finalmente tinha dado sinais do

seu colapso, e deveríamos, então, realizar tudo aquilo que havíamos reprimido por anos por termos nos submetidos à aceleração do tempo do capital e aos imperativos de consumo.

Também vimos nos mesmos meios de comunicação e nas redes sociais o apelo ao reconhecimento dos trabalhadores da saúde que colocavam suas vidas em risco para salvar tantas outras. Não faltaram campanhas de hashtag para aplaudirmos estes profissionais, celebrados em músicas cantadas em janelas italianas.

Este texto surge para lançarmos luz sobre outra camada de trabalhadores que não puderam parar nesta pandemia: os educadores e técnicos dos serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes. Quem são estes trabalhadores? O que ouvimos nos encontros de supervisão? A quais condições de trabalho foram submetidos?

O trabalho “home office” tão discutido nestes tempos de pandemia não atingiu a maior parcela da população brasileira. Os dados mostram que 3 a cada 4 trabalhadores não puderam fazer “home office”¹. Em números percentuais, apenas 23% dos brasileiros tiveram condições de realizar o trabalho em suas casas.

Os trabalhadores dos serviços de acolhimento -- sejam eles técnicos, educadores, funcionários encarregados de serviços gerais, cozinheiros – estão incluídos nos 71 milhões de brasileiros que não podem usufruir do “home office”. São trabalhadores que arriscam diariamente suas vidas e a dos seus familiares ao serem obrigados a romper o distanciamento social dentro e fora dos serviços em razão da especificidade do trabalho do serviço de acolhimento. A fala da educadora no início deste texto foi apenas uma dentre tantas que ouvimos a respeito do medo de contágio no transporte público. Um levantamento feito pelo Laboratório Urbano Medida SP² apresentou dados de 2020 referentes ao número de usuários e frotas de transporte coletivo na cidade de São Paulo. A pesquisa mostrou que, nas linhas da zona leste e sul, circulou um número de

¹ROSSI, A.; BUONO, R. O Brasil sem home office. Revista Piauí, São Paulo, 08 de junho de 2020. Disponível em: [https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-sem-home-office/#:~:text=%E2%80%9CFique%20em%20casa%E2%80%9D%20se,palavra%20de%20ordem%20de%202020.&text=Para%20tr%C3%AAs%20de%20cada%20quatro,que%20estejam%20fora%20de%20c](https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-sem-home-office/#:~:text=%E2%80%9CFique%20em%20casa%E2%80%9D%20se,palavra%20de%20ordem%20de%202020.&text=Para%20tr%C3%AAs%20de%20cada%20quatro,que%20estejam%20fora%20de%20casa)asa. Acesso em: 03 de março de 2021.

² MENGUE, P. Sem home office, periferia se expõe ao coronavírus no transporte público. O Estado de São Paulo, São Paulo, 06 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sem-home-office-periferia-se-expoe-mais-ao-coronavirus-no-transporte-publico,70003607614> Acesso em: 03 de março de 2021.

passageiros igual ao período pré-pandemia, porém apenas 88% da frota estava em operação. Ou seja, produziu-se um aumento de passageiros por transporte público e, conseqüentemente, a impossibilidade de exercerem o distanciamento social.

Apesar de realizarem um serviço essencial, esses trabalhadores não tiveram em nenhum momento o reconhecimento das mídias sociais e da opinião pública em geral. Nem mesmo o Estado se prontificou a escutar os seus apelos, seja para buscar alternativas para gerenciar o cotidiano dentro dos serviços, seja para os incluir no grupo prioritário no processo de vacinação. Sobre essa invisibilidade que os atingiu, iremos trazer breves reflexões e apontamentos.

A precarização do tempo

O tempo de parar não se fez nas equipes dos abrigos. Isso quer dizer que não pararam? Que não se angustiaram? Que não tiveram medos? A pandemia trouxe uma ruptura no tempo e espaço que conhecíamos, isso é verdade, ela atingiu a todos. Mas de que forma atingiu os trabalhadores dos abrigos?

As dificuldades encontradas no cotidiano do serviço de acolhimento durante a pandemia são essencialmente de duas ordens, que se entrecruzam, mas se referem a situações distintas. Uma delas diz respeito às conseqüências do isolamento social para as crianças e adolescentes acolhidos e para seus familiares³. A segunda, aos impasses e problemas que os trabalhadores tiveram que lidar dentro do serviço. Nosso foco está justamente nessa segunda questão, advertidos de que tal divisão não é explícita no dia a dia do serviço.

Com o fechamento de todos os equipamentos que compõem a Rede de Proteção -- escola, centro de convivência, CAPS ij -- e a suspensão das saídas, visitas familiares, passeios culturais ou, até mesmo, idas à pracinha ao lado, todas as crianças e adolescentes tiveram que ficar no serviço. Os impactos disso foram inúmeros e se torna uma tarefa impossível elucidar todos os eles. Pudemos ouvir dos educadores e técnicos

³ Para saber mais sobre os impactos da pandemia do COVID-19 nas crianças e adolescentes em acolhimento institucional recomendo o detalhado relatório feito pelo NECA. BERNARDI, D. C. F. **Levantamento Nacional sobre os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes em tempos de COVID-19: apresentação dos resultados**. vol. 1. – 1. Ed. – São Paulo: NECA: Movimento Nacional Pró – Convivência Familiar e Comunitária e Fice. Brasil, 2020.

os medos que os atingiram nesse momento tão dramático, como o medo da contaminação no transporte público, que mencionamos anteriormente. Como uma das saídas para essa problemática, um dos abrigos que acompanhamos organizou uma carga horária de 24hs por plantão com mais dias de descanso em casa, modificando, assim, o regime de trabalho normalmente aplicado nesses serviços que é o de 12/36. No entanto, o remédio foi tão amargo quanto a doença, pois os trabalhadores nos relataram o profundo cansaço sentido ao final de um expediente duas vezes maior do que estavam habituados. Além da ampliação da jornada diária de trabalho, esses educadores foram afetados pela multiplicação de tarefas cotidianas resultante da permanência de todos os acolhidos nos serviços, uma vez que a circulação em outros espaços fora impedida pelos protocolos sanitários e decisões governamentais.

A questão escolar se fez como outro ponto de muito desgaste no cotidiano, pois, além de evidenciar a extrema desigualdade do acesso dos alunos da rede pública à educação virtual⁴, exigiu que os educadores tivessem que gerir tempos de aulas, acesso aos poucos computadores que possuíam, lições de casa. Organizar e cuidar das atividades escolares de 20 crianças se tornou uma tarefa absolutamente cansativa. Muitos educadores relataram como se sentiam perdidos nessa “tarefa de professor”, pois não conseguiam ensinar o que era pedido, não conseguiam entregar diariamente as atividades de todas as crianças e adolescentes, e, principalmente, se sentiam muito angustiados por verem várias crianças que não sabiam ler nem escrever⁵.

Todo esse complexo cenário pandêmico levou os abrigos a se deparar com uma velha conhecida: a lógica da instituição total⁶. Com todos dentro da casa, os

⁴ FORSTER, P. **Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório da UNICEF**. CNN BRASIL, São Paulo, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/28/pandemia-aumenta-evasio-escolar-diz-relatorio-do-unicef> Acesso em: 02 de março de 2021.

⁵ A questão das dificuldades escolares dos acolhidos sempre foi um ponto importante nas reuniões com educadores e técnicos, acentuando-se no contexto da pandemia. Muitas vezes, as equipes responsabilizam unicamente os acolhidos pelos impasses que enfrentam no cotidiano escolar. A literatura científica nos mostra como a culpabilização e responsabilização dos alunos pelo desempenho escolar foi construído ideologicamente por uma gama de discursos de diversas áreas do saber. Para saber mais sobre este debate ver: PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

⁶Instituições Totais refere-se ao conceito introduzido por Erving Goffman (1961) para analisar instituições que tinham como características à retiradas dos indivíduos das sociedades para serem colocados em regimes de internação. Nela os indivíduos permaneciam em regime integral, realizando todas as atividades, como: educação, saúde e lazer. Muitos autores emprestam este conceito cunhado por Goffman, para discutirem a origem dos orfanatos para crianças e adolescentes no Brasil. Após a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), e das Orientações Técnicas para os serviços de

comportamentos de choro, agressividade, cutting, fugas, fizeram-se ainda mais presentes no cotidiano. Ouvimos dos educadores o sofrimento de verem as crianças trancadas, sem poderem ser, perguntando sobre seus familiares. Algumas conseguiam conversar por telefone, facebook, porém muitas se viram completamente desconectadas de suas famílias.

As fugas de alguns adolescentes também se fizeram mais intensas nesse período, com a necessidade de sair, de não suportar mais ficarem trancados. Sem saber notícias das famílias, alguns evadiam-se e voltavam dias depois. Agora, um novo problema se instaurava: como isolar aquele que chega? Aquele que volta? Como proteger da contaminação a si mesmo e aos outros que ali permaneceram? Obviamente, muitos equipamentos não tinham espaço físico para isso acontecer.

O trabalho com a Rede também se tornou mais difícil nesse período. Com o fechamento das Varas da Infância e dos Fóruns, as audiências concentradas foram interrompidas. Logo, processos de restituição familiar e de adoção também foram paralisados no tempo à espera da normalidade voltar. No início da pandemia, os centros de tratamento em saúde, como CAPS, CER e outros, também suspenderam as atividades, o que fez com que as crianças e adolescentes interrompessem os seus atendimentos presenciais.

Embora, à primeira vista, essas situações denunciem alguns dos impactos que a pandemia trouxe para os acolhidos, com um olhar mais atento elas revelam uma outra camada da dramática situação vivenciada dentro dos serviços de acolhimento. Os educadores e técnicos foram submetidos a uma descomunal sobrecarga de trabalho e de responsabilidades: organizar e gerir o cotidiano do trabalho com todas os acolhidos dentro da casa; fazer plantões de 24hs; exercer o papel de professor em diferentes escolaridades das crianças e adolescentes, tudo isso somado ao estresse emocional decorrente das questões das suas próprias vidas -- tivemos notícias de parentes de educadores e técnicos que faleceram por COVID-19, de cônjuges que perderam seus empregos e de equipes que foram contaminadas pelo novo vírus.

acolhimento institucional (2009), são promulgadas diretrizes para a reorganizações dos antigos orfanatos para novas formas de acolher crianças e adolescentes. Para saber mais sobre esta discussão: GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001. ; **ORFANATOS não existem!** Instituto Fazendo História, São Paulo, 25 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2017/4/25/orfanatos-no-existem-ento-onde-moram-ento-as-crianas-abandonadas> Acesso em: 02 de março de 2021.

Em abril de 2020 a Promotoria de Justiça de Direitos Humanos da capital paulista recomendou que o governo do estado e a prefeitura direcionassem verbas públicas para o Sistema Nacional de Informação do Sistema Único de Assistência Social (REDE SUAS)⁷. Em maio de 2020⁸, trabalhadores da Assistência Social protestaram contra a falta de equipamentos de proteção individual (EPI) e contra a redução do salário de trabalhadores que se encontravam como grupos de risco. Em 5 de novembro, houve mais uma manifestação dos trabalhadores provocada pela negativa da SMADS em trazer medidas efetivas para a situação dos trabalhadores ao mesmo tempo que o governo exigia o retorno presencial de vários equipamentos da Assistência. Os manifestantes relataram situações de insalubridade que estavam vivenciando no cotidiano dos seus trabalhos e as inúmeras demissões de trabalhadores que não podiam retornar por pertencerem aos grupos de risco.

Com locais de trabalho pequenos e pouco ventilados, impossibilitando a regra do distanciamento social de 1,5 metros, e quadro de funcionários restritos ao que o serviço possui, sem recursos financeiros de substituição de algum trabalhador que ficasse doente e tivesse que se afastar, os trabalhadores da assistência precisavam lutar contra outra situação, ao mesmo tempo condição e causa de tudo o que descrevemos: a invisibilidade, inclusive perante o próprio Estado, constitucionalmente encarregada das políticas públicas na área da assistência social.⁹

O tempo do trauma

Partimos da concepção psicanalítica que entende o trauma como um acontecimento que marca uma descontinuidade no tempo. Algo da ordem do inesperado, que quebra estruturas simbólicas e imaginárias do que chamamos de

⁷ ARAÚJO, G. **MP recomenda repasse de verbas à assistência social no combate ao coronavírus em SP**. G1 SP, São Paulo, 15 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/15/mp-sugere-lockdown-e-repasse-de-verbas-a-assistencia-social-no-combate-ao-coronavirus-em-sp.ghtml> Acesso em: 03 de março de 2021

⁸ **TRABALHADORES da Assistência Social que prestam serviço para Prefeitura de São Paulo protestam contra falta de EPIs durante a pandemia**. G1 SP, São Paulo, 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/26/trabalhadores-da-assistencia-social-que-prestam-servico-para-prefeitura-de-sp-protestam-contr-falta-de-epis-durante-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 05 de março de 2021

⁹ **TRABALHADORES da Assistência Social realizam ato contra a retomada das atividades presenciais**. SINDESP SP, São Paulo, 05 de novembro de 2020. Disponível em: <https://sindesp-sp.org.br/noticias/funcionalismo/trabalhadores-da-assistencia-social-realizam-ato-contr-a-retomada-de-atendimentos-presenciais-5715> Acesso em: 06 de março de 2021

realidade (SOLER, 2018). Na experiência traumática, o sujeito se vê desamparado, sem recursos para lidar com um perigo real que é sentido no seu ser, no seu corpo. Porém, a psicanálise também nos mostra que, diante dos eventos traumáticos, cada um reage de uma forma singular, com os recursos que possui.

A situação catastrófica provocada pelo COVID-19 fez com que todos nós fôssemos submetidos, de uma hora para outra, a uma “nova realidade”. A normalidade em que apostávamos não era apenas o cumprimento das exigências que achávamos que tínhamos que cumprir. Essa normalidade era feita, também, do sentimento de certeza sobre o futuro próximo. Ainda que essa certeza fosse ilusória, pensávamos saber mais ou menos como seria a semana, o que faríamos quando chegasse o Natal, o Ano Novo, o Carnaval...A sensação de continuidade de um tempo, de um amanhã, de uma rotina, de repente desaparece, esvai-se, escorrega pelos nossos dedos da mesma forma que as incontáveis mortes que já não se materializam mais¹⁰. Assim, um medo aparece no nosso cotidiano e no dos trabalhadores dos abrigos. De que ordem é este medo, que, como diz a epígrafe, “atravessou o tempo, e faz parte da nossa história desde o início”?

Pudemos ouvir nos relatos dos trabalhadores do abrigo inúmeras derivações do que temiam. Medo da morte, da contaminação que levaria à morte, das perdas, das separações, do trabalho que não dava para ser feito, de “não dar conta”, do não saber o que fazer, da perda de emprego, do salário reduzido, do futuro que não sabiam quando voltaria ao normal. Mas qual é o “início”, no qual Itamar Vieira localiza o ponto de partida desse medo ancestral?

O início é o racismo, que aporta no Brasil com as caravelas portuguesas, em 1.500, frutificando-se, desde então, até se converter em racismo estrutural do Estado brasileiro contemporâneo. Inúmeros textos apontam como a pandemia explicitou essa alma racista do Estado na gestão e direcionamento das políticas públicas para conter a pandemia, desde a impossibilidade das periferias em manter o isolamento e distanciamento social até as condições de trabalho a que a população negra foi submetida¹¹.

¹⁰ FRANCO, F. L. F. N. Houve 100.000 mortes pela COVID-19? **Necrogovernamentalidade, Desrealização e Luto**. Sig: revista de psicanálise. Vol. 9, n.16, Jan-Jun 2020. Porto Alegre/RS.

¹¹ SANTOS, A.; NUNES, A. C.; GONÇALVES, E.; MORGANA, M. K. G. **CPFs Negros importam? Racismo estrutural e políticas públicas no contexto da COVID-19**. Portal Geledés. São Paulo, 11 de

De acordo com os dados do boletim epidemiológico publicado pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, as chances de uma pessoa negra morrer pelo COVID-19 é 62%¹² maior do que uma pessoa branca. Mesmo com os dados subnotificados em relação à raça/cor/etnia, 74.949 negros morreram em decorrência de complicações da COVID-19 até 12 de dezembro de 2020, período em que as vítimas de cor branca contabilizaram 62.993.

Não pensar em estratégias de cuidado aos trabalhadores dos abrigos e não reconhecer seu trabalho como atividade essencial é, também, não olhar para a população que estes serviços atendem, composta, de acordo com o último levantamento do Sistema Nacional de Justiça¹³, por 83% de crianças e adolescentes negros. Por tudo isso, é fundamental acrescentarmos a componente racial ao drama pandêmico dos trabalhos dos abrigos, uma vez que estão cotidianamente face a face com as consequências do racismo estatal no Brasil.

O tempo de compreender

As consequências da pandemia causada pela COVID-19 têm múltiplas dimensões políticas, econômicas, ecológicas, psíquicas. Em maio de 2020, a Organização Mundial da Saúde¹⁴ alertou para o impacto na saúde mental causado pelo isolamento social, pelos sentimentos de medo, pelas incertezas sobre o presente e futuro, pelo caos econômico, pelos riscos que atingiam o emprego. De acordo com Devora Kestel, coordenadora do setor de Saúde Mental da OMS, os governos deveriam colocar em suas agendas a questão dos danos psicológicos causados pelo COVID-19, buscando

maio de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cpfs-negros-importam-racismo-estrutural-e-politicas-publicas-no-contexto-da-covid-19/> Acesso em: 06 de março de 2021.

COMO o racismo contribui para que a COVID-19 seja mais letal em negros. CORREIO DO POVO. 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%3%ADcias/geral/como-o-racismo-contribui-para-que-a-covid-19-seja-mais-letal-em-negros-1.523926> Acesso em: 05 de março de 2021

¹²FERREIRA, L.; SILVA, V. A. **2020: o ano da pandemia e seus aspectos nas mulheres, pessoas negras, LGBT+.** Genero e Número. Rio de Janeiro. 22 de dezembro de 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/> Acesso em: 06 de março de 2021

¹³ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento 2020.** BRASÍLIA. 2020.

¹⁴ REUTERS. **OMS alerta para crise global de saúde mental devido a pandemia de covid-19.** GI SP. SÃO PAULO, 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/14/oms-alerta-para-crise-global-de-saude-mental-devido-a-pandemia-de-covid-19.ghtml> Acesso em: 06 de março de 2021

estratégias para o cuidado da população, principalmente para os trabalhadores da linha de frente e as crianças e adolescentes. Em novembro de 2020, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) também emitiu uma nota sobre as consequências psicológicas que a pandemia do COVID-19 deixará na população.

Não poderia ser diferente com a questão da saúde mental dos trabalhadores dos serviços durante a pandemia, que sempre foi uma preocupação dos encontros de supervisão. A aposta na escuta desses profissionais foi retirar o caráter individual do sofrimento que estavam sentindo. Com isso, não se pretendia deslegitimar os afetos que cada um estava vivenciando; ao contrário, buscava-se colocar esses afetos sobre o foco coletivo do sofrimento produzido pelas questões que a pandemia estava causando na vida de todos os sujeitos. A partir desse deslocamento de perspectiva, foi possível apostar que aquilo que estávamos escutando nas reuniões não dizia respeito às incapacidades de cada um de gerir o seu próprio tempo de trabalho, de dar conta de todas as demandas que apareciam no cuidado com a casa ou relacionadas ao cotidiano das crianças e adolescentes. Em suma, os sofrimentos que apareciam em suas falas não tinham que ser vivenciados como déficits em suas performances enquanto educadores e técnicos.

A aposta ética foi de circunscrever o sofrimento vivenciado por eles não como algo individual, mas social. Em outras palavras, foi legitimar o desamparo que estavam vivendo, não para alimentar um estado depressivo e melancólico, mas, ao contrário, para o colocar em perspectiva social, a partir do que se poderia elaborar outras soluções.

Partimos da orientação teórica de que o neoliberalismo é um dos produtores do sofrimento psíquico do sujeito na contemporaneidade. O neoliberalismo não é apenas uma forma de organização econômica. Ele tem como um dos seus objetivos centrais a transformação das subjetividades dos indivíduos. Essa transformação subjetiva ocorre ao produzir a internalização dos aspectos econômicos na forma como o sujeito irá entender como deve ser e agir, sempre regido pela gramática empresarial. Assim, transformam todos em “empresários de si”, elevando a racionalidade econômica à “única forma de racionalidade possível” (SAFATLE, p.29)

Para Safatle (2020), uma das consequências da generalização das leis do mercado na vida cotidiana dos sujeitos é a despolitização radical dos conflitos sociais. Os indivíduos, convertidos em empresários de si, lidam com suas vidas como os únicos

responsáveis pela sua performance, pelo seu sucesso na vida, pelo investimento na carreira, pela adaptabilidade no trabalho. A despolitização do conflito social faz com que não vejam o caráter coletivo das questões que os atingem, principalmente no âmbito do trabalho. Assim, as dificuldades enfrentadas no dia a dia do trabalho são internalizadas apenas como inadequação, falta de força de vontade, etc. Outro efeito da lógica empresarial na racionalidade dos indivíduos e da sociedade incide sobre o que chamamos de sofrimento psíquico. O sujeito também vivenciará o seu sofrimento a partir de uma gramática empresarial, ele sofrerá por não atingir as metas e expectativas, por não resolver todos os problemas, por se cansar, etc. Dunker (2020;2021)¹⁵ irá associar o aumento dos transtornos depressivos e de ansiedade ao neoliberalismo, pois ambos são conjuntos de transtornos ligados às exigências de auto-performatividade, diante das quais o sujeito se cobra mais e mais a partir de auto-acusações.

Assim, tivemos como aposta ética dos encontros de supervisão produzir o deslocamento do sofrimento que estavam vivenciando no dia a dia do trabalho durante a pandemia do COVID 19. A proposta era fazer com que se passasse de uma compreensão do sofrimento como incapacidade de ser um bom funcionário para a questão da precariedade das condições de trabalho que estavam vivenciando diariamente enquanto trabalhadores da linha de frente. Ou seja, suas dificuldades na escolarização das crianças não tinham a ver com suas incapacidades de serem professores, mas, sim, com a falta de acesso que essas crianças e adolescentes enfrentavam durante a pandemia dentro da educação pública brasileira; suas dúvidas sobre ter ou não que colocar a luva no ônibus estavam relacionadas às não orientações e à não distribuição de equipamentos que a SMADS deveria ofertar aos seus trabalhadores; suas angústias por não darem conta do cotidiano de trabalho tinha relação com a precariedade a que foram submetidos ao ter que cuidarem de 20 crianças e adolescentes com apenas dois funcionários. Em síntese, as queixas que apresentavam tinham relação com a situação de desmonte que a política de assistência social vem sofrendo há anos, e que se agravou intensamente no período da pandemia.

Observamos que a não gestão das políticas de assistência social nos tempos de pandemia é uma das faces do neoliberalismo. Ao atribuir a gestão de cuidados aos

¹⁵ VEIGA. E. **Depressão é o sofrimento compatível com o neoliberalismo.** DEUTSCHE WELLE BRASIL. 22 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/depress%C3%A3o-%C3%A9-sofrimento-compat%C3%ADvel-com-o-neoliberalismo/a-56653922> Acesso em: 03 de março de 2021

serviços, o Estado individualiza para cada serviço a responsabilidade de pensar o cotidiano e os entraves que a pandemia ocasionou na dinâmica dos abrigos.

Finalizamos este texto como a marca de 569.434 mortes por COVID-19¹⁶ no Brasil e com a necessidade de politizarmos cada vez mais o que elas significam e os seus impactos psíquicos, econômicos, sociais nos trabalhadores dos serviços de acolhimento. Que possamos fazer outra coisa com o medo que sempre nos atravessou.

¹⁶ Quando finalizada a primeira versão deste texto em março de 2021, 254.942 pessoas haviam morrido por COVID-19 no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, G. **MP recomenda repasse de verbas à assistência social no combate ao coronavírus em SP.** G1 SP, São Paulo, 15 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/15/mp-sugere-lockdown-e-repasse-de-verbas-a-assistencia-social-no-combate-ao-coronavirus-em-sp.ghtml>

BERNARDI, D, C, F. **Levantamento Nacional sobre os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes em tempos de COVID-19: apresentação dos resultados.** vol. 1. – 1. Ed. – São Paulo: NECA: Movimento Nacional Pró – Convivência Familiar e Comunitária e Fice. Brasil, 2020.

COMO o racismo contribui para que a COVID-19 seja mais letal em negros. CORREIO DO POVO. 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/como-o-racismo-contribui-para-que-a-covid-19-seja-mais-letal-em-negros-1.523926> Acesso em: 05 de março de 2021

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento 2020.** BRASÍLIA. 2020.

FERREIRA, L.; SILVA, V. A. **2020: o ano da pandemia e seus aspectos nas mulheres, pessoas negras, LGBT+.** Genero e Número. Rio de Janeiro. 22 de dezembro de 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/> Acesso em: 06 de março de 2021

FORSTER, P. **Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório da UNICEF.** CNN BRASIL, São Paulo, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/28/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef> Acesso em: 02 de março de 2021.

FRANCO, F. L .F. N. **Houve 100.000 mortes pela COVID-19? Negrogovernamentalidade, Desrealização e Luto.** Sig: revista de psicanálise. Vol. 9, n.16, Jan-Jun 2020. Porto Alegre/RS.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

JUNIOR, I. V. **Torto Arado**. Ed. Todavia. 2019. São Paulo

MENGUE, P. **Sem home office, periferia se expõe ao coronavírus no transporte público**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 06 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sem-home-office-periferia-se-expoe-mais-ao-coronavirus-no-transporte-publico,70003607614> Acesso em: 03 de março de 2021.

ORFANATOS não existem! Instituto Fazendo História, São Paulo, 25 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2017/4/25/orfanatos-no-existem-ento-onde-moram-ento-as-crianas-abandonadas> Acesso em: 02 de março de 2021.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

REUTERS. **OMS alerta para crise global de saúde mental devido a pandemia de covid-19**. GI SP. SÃO PAULO, 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/14/oms-alerta-para-crise-global-de-saude-mental-devido-a-pandemia-de-covid-19.ghtml> Acesso em: 06 de março de 2021

ROSSI, A.; BUONO, R. **O Brasil sem home office**. Revista Piauí, São Paulo, 08 de junho de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-sem-home-office/#:~:text=%E2%80%9CFique%20em%20casa%E2%80%9D%20se,palavra%20de%20ordem%20de%202020.&text=Para%20tr%C3%AAs%20de%20cada%20quatro,que%20estejam%20fora%20de%20casa>. Acesso em: 03 de março de 2021.

SAFATLE, V., JÚNIOR, N.S., DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Ed. Autêntica, 2020. Belo Horizonte.

SANTOS, A.; NUNES, A. C.; GONÇALVES, E.; MORGANA, M. K. G. **CPFs Negros importam? Racismo estrutural e políticas públicas no contexto da COVID-19**. Portal Geledés. São Paulo, 11 de maio de 2020. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/cpfs-negros-importam-racismo-estrutural-e-politicas-publicas-no-contexto-da-covid-19/> Acesso em: 06 de março de 2021.

SILVA, L, I, C. MORAIS, E. S., SANTOS, M.S. **COVID-19 e população negra: desigualdades acirradas no contexto da pandemia.** REVISTA THEMA. Vol.18, p. 301-318.

SOLER, C. **Adventos do Real: da angústia ao sintoma.** 1 ed. Aller Editora, 2018. São Paulo

TRABALHADORES da Assistência Social que prestam serviço para Prefeitura de São Paulo protestam contra falta de EPIs durante a pandemia. G1 SP, São Paulo, 26 de maio de 2020. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/26/trabalhadores-da-assistencia-social-que-prestam-servico-para-prefeitura-de-sp-protestam-contr-falta-de-epis-durante-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 05 de março de 2021.

TRABALHADORES da Assistência Social realizam ato contra a retomada das atividades presenciais. SINDESP SP, São Paulo, 05 de novembro de 2020. Disponível em: <https://sindsep-sp.org.br/noticias/funcionalismo/trabalhadores-da-assistencia-social-realizam-ato-contr-a-retomada-de-atendimentos-presenciais-5715> Acesso em: 06 de março de 2021

VEIGA. E. **Depressão é o sofrimento compatível com o neoliberalismo.** DW - DEUTSCHE WELLE BRASIL. 22 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/depress%C3%A3o-%C3%A9-sofrimento-compat%C3%ADvel-com-o-neoliberalismo/a-56653922> Acesso em: 05 de março de 2021.